

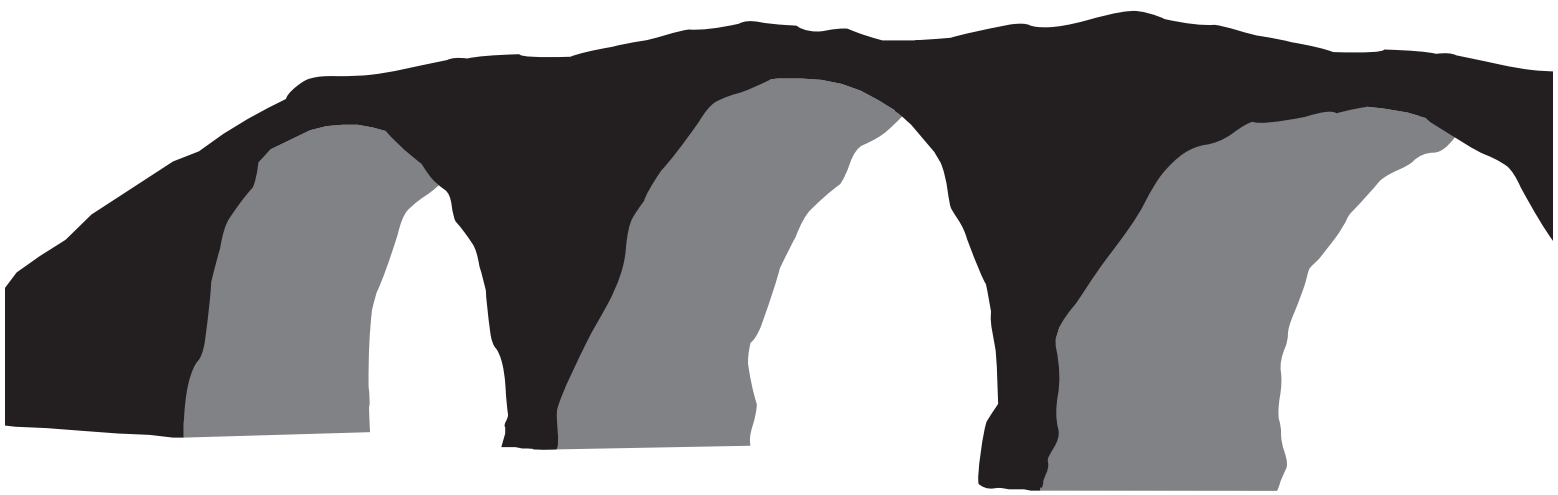
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 3 | Número 1 | Janeiro – Junho 2009

ISSN 1981-5875

ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO E ARQUEOLOGIA PÚBLICA: ALGUMAS INTERFACES

Lúcio Menezes Ferreira



ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO E ARQUEOLOGIA PÚBLICA: ALGUMAS INTERFACES

Lúcio Menezes Ferreira*

RESUMO

Esse artigo, inicialmente, descreve a institucionalização da Arqueologia da Escravidão nos Estados Unidos, Caribe e América do Sul. Em seguida, baseando-se em trabalhos realizados nos Estados Unidos, discute as relações entre Arqueologia da Escravidão e Arqueologia Pública. Palavras-Chave: Arqueologia da Escravidão, Arqueologia Pública, Multiculturalismo.

RESUMEN

Esto artículo, inicialmente, describe la institucionalización de la Arqueología de la Esclavitud en los Estados Unidos, Caribe y América del Sur. A continuación, hincándose en investigaciones hechas en los Estados Unidos, discute las relaciones entre Arqueología de la Esclavitud y Arqueología Pública. Palabras-Clave: Arqueología de la Esclavitud, Arqueología Pública, Multiculturalismo.

ABSTRACT

This paper describes at first the institutional History of Archeology of Slavery in the United States, Caribbean and South America. In second place it discusses the relationships between Archaeology of Slavery and Public Archaeology related to studies that have been done in the United States. Key-Words: Archaeology of Slavery, Public Archaeology, Multiculturalism.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é descrever algumas interfaces entre Arqueologia da escravidão e Arqueologia pública. Divido-o em dois movimentos. Primeiro, mostrarei o percurso histórico e geográfico de institucionalização da Arqueologia da escravidão: como ela emergiu nos Estados Unidos, espalhou-se pelo Caribe e chegou à América do Sul. A descrição será geral e panorâmica, mas suficientemente abrangente para visualizar-se os temas e interpretações da Arqueologia da escravidão. O segundo movimento tampouco será minucioso e exaustivo. Contudo, as interfaces entre Arqueologia da escravidão e Arqueologia pública serão rasuradas nos contornos que, a meu ver, são os mais positivos: a incorporação das comunidades nos processos de interpretação arqueológica e a ênfase no vetor multicultural da cultura material de origem escrava.

*Universidade Federal de Pelotas – luciomenezes@uol.com.br

ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO: TEMAS E INTERPRETAÇÕES

A Arqueologia da escravidão emergiu, a partir dos anos 1960, nos Estados Unidos. Arqueólogos históricos, pesquisando as ruínas das treze colônias e as *plantations*, identificaram cultura material escrava; dedicaram-se, inicialmente, a um exercício mundano, mas absolutamente necessário, frente ao desconhecimento quase completo, naquele momento, da cultura material escrava: a tipologia dos artefatos encontrados (Singleton e Bograd 1995). Supunha-se, até então, que os escravos não confeccionaram uma abundante e expressiva cultura material (Fairbanks 1984). Pressuposição refutada à medida que se avolumaram exponencialmente, nas últimas duas décadas, as pesquisas em Arqueologia da escravidão (Kelly e Thomas 2010:351).

Sem dúvida, nas últimas duas décadas, a disciplina expandiu-se acentuadamente, tornando-se um dos mais importantes campos da Arqueologia histórica nos Estados Unidos (Leone et al. 2005). Dois impulsos simultâneos e interligados explicam esse crescimento. O primeiro, a noção de que os movimentos civis, nos anos 1960, ancoraram-se e inspiraram-se na História da resistência escrava (Leone 1995); o segundo, o reconhecimento, no final da década de 1970, de que a Arqueologia Histórica, nos Estados Unidos, deveria voltar-se para as minorias étnicas e classes sociais excluídas (Schuyler 1979).

Nos Estados Unidos, um dos principais tópicos da Arqueologia da escravidão é a diáspora africana, ou seja, a análise e mapeamento da rede triangular do tráfico de escravos que enlaçou a História dos povos da África, Europa e América (Posnansky 1984, Orser 1990). Esse tema envolve a busca dos naufrágios dos navios negreiros pela Arqueologia marítima (Webster 2008) e, sobretudo, contempla a História multicultural do Atlântico. Imbrica-se aos estudos de sociólogos e historiadores, a mostrarem a formação de uma consciência transnacional e transcultural (Gilroy 2001), em que classes revolucionárias e multiétnicas, integradas por escravos africanos, piratas, marinheiros e indígenas, lutavam contra a economia global do capitalismo (Linebaugh e Rediker 1990, 2008). A Arqueologia da escravidão tem evidenciado os suportes em que se plasmaram a diáspora africana e a História multicultural do Atlântico: desde a reconfiguração simbólica dos cachimbos oriundos da África Ocidental nas fazendas do Novo Mundo (Handler 2008), até os corpos dos escravos, suas características deslindadas por meio de estudos bioarqueológicos (Blakey 2001).

Em meio aos movimentos transoceânicos da diáspora africana, revelam-se variadas nuances cotidianas dos contextos sociais e culturais dos escravos. Exploram-se a existência dos diversos estilos culturais (Young et al. 1995), as especificidades da cultura material (Lee 2008) e a dieta alimentar dos escravos (Yentsch 2008). Examinam-se as relações de poder entre senhores e escravos,

conforme elas se materializam na dieta alimentar (Scott 2001) e nos símbolos da cultura material (Thomas 1998). Pontuam-se as dinâmicas das negociações identitárias entre senhores e escravos (Yentsch 1994). Ressalta-se, ainda, como os escravos procuravam melhorar suas condições de vida e contornar a esfera de vigilância e opressão que lhes era imposta (Hudson 1994; Kelso 1986; Morgan 1998). Despontam-se, neste passo, as múltiplas manobras da resistência escrava, destacando-se, sobretudo a partir dos anos 1990, as pesquisas sobre os quilombos (Ejstrud 2008).

Em menor proporção do que nos Estados Unidos, a região do Caribe é também coberta pelas pesquisas em Arqueologia da escravidão. Há trabalhos específicos sobre os processos de produção e intercâmbio regional de artefatos cerâmicos entre os escravos (Ahlman et al. 2008, Hauser et al. 2008). A dialética entre hegemonia dos senhores e contra-hegemonia escrava, contudo, é um dos objetos diletos de estudo na região. Theresa Singleton dedicou-se ao estudo das plantações de café em Cuba, evidenciando a resistência dos escravos às estratégias de controle e submissão planejadas pelos senhores (Singleton 2001). O arqueólogo cubano Gabino La Rosa Corzo também pesquisou as fazendas de café cubanas. Examinou as dinâmicas de organização espacial e social das fazendas, rastreando, também, toda uma topografia da resistência: espaços de marginalidade e núcleos de assentamento dos escravos fugitivos (Corzo 2003, 2005).

Por sua vez, na América do Sul – e o mesmo vale para a América Latina em geral –, conquanto o sistema escravista tenha imperado largamente, são ainda poucos os trabalhos conduzidos em Arqueologia da escravidão (Castano 2000, Weik 2008). Dois países distinguem-se no cenário acadêmico com pesquisas seminais: Argentina e Brasil. Na Argentina, Daniel Schávelzon, desde o final da década de 1990, palmilhou as marcas da presença dos afroamericanos em Buenos Aires (Schávelzon 1999, 2002, 2003). Já no Brasil, a temática preferencial é o estudo sobre a resistência escrava. Mostra-se, por exemplo, que os cachimbos fabricados pelos escravos eram marcadores étnicos e representavam, em seu simbolismo geométrico e antropomorfo, formas sutis de resistência e auto-afirmação cultural (Agostini 1998).

O maior número de pesquisas concentra-se, contudo, nos lugares onde a resistência escrava foi mais manifesta e explícita: os quilombos. As primeiras escavações em quilombos ocorreram em Minas Gerais, no final da década de 1970. Foram realizadas por Carlos Magno Guimarães e Anna Lúcia Lanna (Guimarães e Lanna 1980, Guimarães 1990). No início dos anos 1990, a Arqueologia dos quilombos, no Brasil, ganhou visibilidade e projeção internacional, graças às pesquisas conduzidas por Charles Orser Jr, Pedro Paulo Funari e Scott Allen no Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, Alagoas. Nas últimas duas décadas, os autores apresentaram interpretações sobre a pluralidade étnica

e multicultural de Palmares e reflexões sobre seus significados em termos de Arqueologia Pública (Orser 1992, 1993, 1994, Funari 1991, 1995, 1996, 2007, Orser e Funari 2001, Funari e Carvalho 2005a, 2005b, 2008, Funari et al. 2008, Allen 1998, 2000, 2001, 2006).

Mais recentemente, as pesquisas em Arqueologia da escravidão, no Brasil, acenaram avanços. Scott J. Allen, que mantém uma linha de pesquisa sobre o tema na Universidade Federal de Pernambuco, prossegue com seus estudos sobre o Quilombo de Palmares e, ademais, mapeia as regiões quilombolas de Alagoas e Pernambuco (Allen 2008). Quilombos de outros locais do Brasil foram também pesquisados, como no Rio de Janeiro (Agostini 2002), Mato Grosso (Rosa 2008) e Rio Grande do Sul (Carle 2005).

Luís Cláudio Pereira Simansky e Marcos André Torres de Souza encaminham a Arqueologia da escravidão para outras latitudes. Simansky fez seu doutorado em Arqueologia da escravidão na Universidade da Flórida (Simansky 2006) e, como professor da Universidade Federal do Paraná, inclui a Arqueologia da diáspora africana como um de seus interesses de pesquisa. Souza, por seu turno, coordena uma linha de pesquisa em Arqueologia da escravidão na Universidade Católica de Goiás, onde é professor adjunto, e atualmente desenvolve seu doutorado na mesma área na Syracuse University, Estados Unidos. Ambos recentemente dissertaram sobre a questão da visibilidade e preservação do registro arqueológico escravo (Symanski e Souza 2007). Realizaram, ainda, estudos em Arqueologia da paisagem em engenhos de Mato Grosso e Goiás, revelando a cultura material escrava, modelos de escravidão e as práticas religiosas de matriz africana (Symanski 2007, Souza 2007). A disciplina, pois, se institucionaliza gradualmente no Brasil. Exemplifica-o já dispormos de estudos comparativos sobre a escravidão no Brasil e em Cuba (Funari e Dominguez 2005, 2006a, 2006b, 2006c).

VARIÁVEL ATLÂNTICA: MULTICULTURALISMO E COMUNIDADE NA ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO

Mas os projetos sistemáticos e de maior alcance sobre as dimensões públicas da Arqueologia da escravidão desenvolveram-se no país onde ela se institucionalizou inicialmente: os Estados Unidos. A aliança entre Arqueologia da escravidão e Arqueologia pública não resultou apenas da pletera de temas e interpretações que a primeira promoveu nos Estados Unidos. Redundou, também, do intenso ativismo dos movimentos sociais das comunidades negras. As pressões exercidas pelos movimentos sociais sempre foram cruciais para a reformulação dos princípios metodológicos da Arqueologia e dos processos de curadoria e exposição museológica, como nos mostram os exemplos dos indígenas dos Estados Unidos e Canadá e dos aborígenes da Austrália (Clavir 1996, Colley 2002, Ferreira 2008).

Não foi diferente com as comunidades afroamericanas dos Estados Unidos.

Durante o final dos anos 1960 e início dos anos 1970, os movimentos civis negros envidaram esforços para estabelecer uma organização nacional que unisse os museus de História afroamericana dos Estados Unidos. O que culminou na formação, em 1976, da Associação de Museus Afroamericanos (*African American Museums Association*). A partir de 1986, a Associação coordenou uma série de ações educativas nos museus de comunidades negras em New York, Boston, Detroit e Chicago, entre outros. O corolário dessas ações, para além da auto-afirmação cultural das comunidades e do refinamento dos mecanismos de curadoria e gestão do patrimônio material afroamericano, foi a criação, em 1995, do Centro para a História e Cultura Afroamericana (*Center for African American History and Culture*). Ambas as instituições se opunham veementemente às exposições museológicas que subalternizavam, quando não simplesmente elidiam ou caricaturavam com estereótipos racistas, a participação dos afroamericanos na História dos Estados Unidos (Simpson 2001:90-104).

No final dos anos 1990, dois pioneiros da Arqueologia da escravidão, Theresa Singleton e Mark Bograd, constataram exatamente o mesmo em três importantes museus dos Estados Unidos: *Mount Vernon*, *Monticello* e *Colonial Williamsburg* (Bograd e Singleton 1997). Os três museus são populares sítios históricos situados na Virgínia, onde, em termos demográficos, a população escrava, desde o século XVIII até a Guerra de Secessão (1860-1865), era esmagadora maioria. *Mount Vernon* foi uma extensa propriedade rural pertencente a George Washington; *Monticello* foi uma *plantation* de Thomas Jefferson; *Williamsburg*, por sua vez, foi *locus* central do processo revolucionário americano do século XVIII. Singleton e Bograd mostram que as três instituições são devotadas à glorificação da memória dos “Pais da Nação”, especialmente de Washington e Jefferson. Os escravos, nas exposições a que ocorrem milhares de cidadãos americanos e turistas de todo o mundo, são sempre sotopostos na subalternidade. As exposições sacramentam ainda, especialmente em *Williamsburg*, que as condições de vida dos escravos não eram, afinal, tão ruins: cenários apresentam escravos trabalhando com bonomia, utilizando rodas de fiar e cercados de conforto, dispendo de mobiliário, porcelana chinesa e cobertores.

Os autores sublinham que não é por ignorância arqueológica que a escravidão é representada de forma tão distorcida nesses museus. As escavações em *Mount Vernon*, *Monticello* e *Williamsburg* iniciaram-se, grosso modo, já nos anos 1930. Novas escavações realizaram-se nos anos 1950 e 1980. Notadamente as últimas, feitas já sob o viés da Arqueologia da escravidão, revelaram cultura material escrava, principalmente artefatos cerâmicos, vestígios de dieta alimentar e a organização do espaço destinado ao trabalho e habitação dos escravos. A documentação escrita demonstra, ainda, que só o casarão onde vivia George Washington exigia o trabalho de noventa escravos. Os autores concluem que a escravidão é

interpretada negligentemente nesses museus simplesmente porque não se quer anuviar a memória dos heróis nacionais, maculando-a com as manchas do sistema escravista (Bograd e Singleton 1997:203).

Pode-se dizer, pois, que a atual aliança entre Arqueologia da escravidão e Arqueologia pública é, de um lado, atributo do ativismo dos movimentos sociais negros; de outro, das críticas e engajamento de arqueólogos, como nos patenteia o exemplo de Singleton e Bograd. Deve-se notar, ademais, que Arqueologia da escravidão afinou-se pelo diapasão da Arqueologia pública justamente quando, nos anos 1990, sua variedade temática e interpretativa popularizou-se enormemente.

O interesse público pela Arqueologia da escravidão é demonstrado por Charles Orser. Em um ensaio publicado, em 1998, na *Annual Review of Anthropology*, ele mostra que os estudiosos da Arqueologia da escravidão passaram a notar, em meados dos anos 1990, que o fenômeno da diáspora africana despertou crescente interesse do público afroamericano e leigo em geral (Orser 1998). Para Orser, esse tópico, além de projetar novas linhas de pesquisa no futuro, interessaria a amplas parcelas da população mundial, devido à relevância efetivamente global de seus resultados: o entendimento da diáspora africana e da correlata multiplicidade de identidades híbridas que ela produziu pelo mundo. De fato, como ressalta Roberta Gilchrist, a Arqueologia da diáspora africana evidencia materialmente os fenômenos de hibridização cultural focando-se, por exemplo, nos vestígios de dieta alimentar e nos artefatos ligados às práticas religiosas e médicas (Gilchrist 2005).

A cultura material escrava é, portanto, marcadamente multicultural. E seu apelo público não é exclusivamente afroamericano. Uzi Baram é um dos autores que consubstanciam esse raciocínio. Coordenando uma equipe interdisciplinar, o autor realizou uma série de prospecções e escavações na Costa da Flórida, procurando por evidências de escravos angolanos em quilombos. Baram aponta que o projeto atraiu muitos grupos sociais, para além dos afroamericanos. Professores locais participaram das pesquisas, conscientizando-se do valor multicultural da cultura material escrava. Assim, produziram-se materiais didáticos, vídeos sobre as escavações e programas de televisão sobre a resistência e diáspora escravas (Baram 2008). Esse tipo de trabalho com diferentes mídias, diga-se de passagem, pulsa no coração da Arqueologia pública (Clarke 2004).

Contudo, dois projetos de pesquisa de longa duração, nos Estados Unidos, se distinguem por primar pela participação pública e pelo realce do vetor multicultural da cultura material escrava. Um deles é o de Paul Mullins, desenvolvido em Indianápolis, especificamente num bairro de comunidades negras de Indiana, com herança patrimonial escrava e racista incrustada na paisagem urbana. Mullins enfoca a importância de se considerarem as necessidades e aspirações das comunidades no fulcro das pesquisas arqueológicas. O que, digamo-lo de passagem novamente, é premissa da Arqueologia pública (Hamilakis 2004).

O autor trabalhou ao lado das associações civis e movimentos negros, cujo principal interesse era o de promover interpretações que enaltecessem as realizações históricas afroamericanas.

Mullins, entretanto, discutiu com a comunidade afroamericana que havia, inscrito na cultura material de origem escrava, um padrão multicultural mais complexo a estampar a partilha das trocas culturais e das desigualdades de classe entre afroamericanos e outras minorias. Concluiu que essas visões diferenciadas, a do arqueólogo e a das comunidades afroamericanas, não são inteiramente incompatíveis; na verdade, o confronto de interpretações é um primeiro passo para a reconciliação democrática e o incremento das colaborações entre arqueólogos e as comunidades (Mullins 2004).

O segundo projeto é da lavra de Carol MacDavid. Com mais de dezenove anos de resultados, é desenvolvido no Texas, mais precisamente, numa *plantation* oitocentista de cana-de-açúcar: a Levi Jordan, situada na cidade de Brazoria. Iniciou como Arqueologia “convencional”, sob a direção de Kenneth Brown, visando a escavar unidades escravas (Brown 2000). Estreitou, paulatinamente, os laços entre Arqueologia da escravidão e Arqueologia pública. MacDavid enfatiza um dos pontos nodais desses laços: tornar o público partícipe dos processos de interpretação arqueológica. Digamo-lo ainda uma vez mais de passagem – transformar o público em colaborador ativo da pesquisa arqueológica e considerar suas representações é outra premissa da Arqueologia pública (Greer et al. 2002). O projeto de MacDavid e sua equipe, porém, vai além dessa premissa, invertendo as relações de poder tradicionalmente assimétricas entre arqueólogos e o público. Em Levi Jordan, os arqueólogos é que são os colaboradores, e não o público; o projeto é controlado por um público etnicamente diversificado, formado por “negros” e “brancos”, pois não apenas afroamericanos, como também outras etnias da região, notaram a feição multicultural da cultura material escrava (MacDavid 2002, 2004).

Assim, os arqueólogos, na *plantation* Levi Jordan, tornaram-se colaboradores e consultores do público. Como no projeto de Mullins, Carol MacDavid intenta construir uma Arqueologia da escravidão mais democrática e socialmente engajada. Para tanto, não bastou, embora esse seja um passo incontornável, vibrar a voz dos registros arqueológicos silenciados e marginalizados (Turner e Young 2007). Já nos anos 1980, os indianos que criaram os *Subaltern Studies* demonstraram de sobejo que é possível, em meio às cacofonias das Histórias oficiais, fazer a hermenêutica dos povos silenciados e ágrafos, dando-lhes voz (Guha 1988, Spivak 1988). Penso que a Arqueologia da escravidão deu o passo seguinte. Mullins e MacDavid desnudaram para o público o caráter multicultural da cultura material dos escravos. Mostraram que a diáspora negra é uma espécie de variável atlântica: conformando-se em contextos locais e produzindo simbolismos diversos, ela

ata-se à rede triangular que uniu globalmente a África, a América e a Europa. Constituiu, entre as ondas do Atlântico e a terra firme dos continentes, fertilizações culturais cruzadas, híbridas, transnacionais.

ARQUEOLOGIA NUM MUNDO GLOBAL

Para finalizar, gostaria de ilustrar esse argumento sobre a variável atlântica com uma nota teórica acerca das relações entre Arqueologia e multiculturalismo. Pensemos nos quilombos. Eles nem sempre foram, como magistralmente demonstraram Linebaugh e Rediker, um reduto de resistência composto unicamente por escravos de matriz africana. O início da colonização inglesa marcou-se pela viagem do *Sea Venture*. Saindo de Plymouth em direção à Virgínia, o *Sea Venture* naufragou nas Bermudas, em 25 de junho de 1609. A tripulação era etnicamente diversificada, majoritariamente “branca”. Recusou-se a reembarcar e embrenhou-se no mato para fundar assentamentos. Aquilombaram-se, portanto. A essa experiência inicial, acresceram-se muitas outras, pela América do Norte, América Central e América do Sul, em que escravos de origem africana juntaram-se a ameríndios, marinheiros europeus e plebeus, desestabilizando e desafiando os poderes coloniais do capitalismo (Linebaugh e Rediker 2008). Os quilombos, como anteparos da resistência à escravidão, muitas vezes foram lugares de trocas culturais, espaços multiculturais, e não ilhas depositárias dos tesouros da pureza cultural ou, para falar como Stuart Hall (1996), das jóias dos absolutismos étnicos.

A Arqueologia da escravidão, aliada à Arqueologia pública, tem mostrado, como argumentei ao longo desse artigo, o potencial multicultural da cultura material escrava. Essa é uma direção vital para trabalhos arqueológicos futuros. Bruce Trigger, em sua última publicação (como sabemos, Trigger faleceu em 2006), lançada em livro em sua homenagem, sinalizou as diretrizes dessa tarefa ulterior. Num mundo global, crescentemente complexo e integrado, a única base em que um sistema geral de justiça pode repousar é no indivíduo; mas o indivíduo, como pertencente a um grupo, não é uma entidade absoluta e fechada em si mesma. Está culturalmente e politicamente ligado a redes diversas, desde a família à comunidade; e é na trilha das trocas multiculturais e multivocais que o indivíduo floresce e pode contestar as pretensões hegemônicas do mundo global (Trigger 2008). A Arqueologia da escravidão, em sua aliança com a Arqueologia pública, reconhecendo que sua práxis se contextualiza nas tramas da História e da sociedade (Shanks 1994), tem muito a contribuir para essa consciência crítica estimulada por Trigger.

AGRADECIMENTOS

Esse artigo é uma versão modificada da palestra de abertura que proferi na I Semana Acadêmica de Arqueologia da FURG (RS), ocorrida entre 15 e 19 de junho de 2009. Agradeço aos alunos e professores do curso de graduação em Arqueologia da FURG pelo convite e, sobretudo, pelo aceso debate. As questões que me foram dirigidas muito me ajudaram a reformular os argumentos aqui apresentados. Agradeço, também, a Gabino La Rosa Corzo, Lourdes Dominguez, Pedro Paulo Funari, Francisco Noelli e Rogério Rosa, pela leitura criteriosa que fizeram da versão original desse artigo. A responsabilidade pelos argumentos, contudo, é inteiramente minha.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINI, C. 1998. Resistência Cultural e Reconstrução de Identidades: Um Olhar Sobre a Cultura Material de Escravos do Século XIX. *Revista de História Regional*, Vol.: 3(2): 113-137.
- _____. 2002. Entre senzalas e quilombos: “comunidades do mato” em Vassouras do Oitocentos. In: ZARANKIN, A; SENATORE, M. X. (orgs). *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas*. Ediciones del Tridente, Buenos Aires. Pp. 19-30.
- AHLMAN, T. M; SCHROEDL, G. F; SPEAKMAN, R. J; MCKEOWN, A. H; GLASCOK, M. D. 2008. Ceramic Production and Exchange among Enslaved Africans on St. Kitts, West Indies. *Journal of Caribbean Archaeology*, Vol.: 2: 109-122.
- ALLEN, S. J. 1998. A “Cultural Mosaic” at Palmares? Grappling with the historical archaeology of a seventeenth-century brazilian quilombo. In: FUNARI, P. P. A. (org). *Cultura Material e Arqueologia Histórica*. UNICAMP/IFCH, Campinas. Pp.141-178.
- _____. 2000. Construindo a identidade Palmarina. Direções preliminares na arqueologia histórica de Palmares. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Vol.: 3: 169-175. Campinas.
- _____. 2001. *Zumbi Nunca Vai Morrer: History, the Practice of Archaeology and Race Politics in Brazil*. UMI Company, Ann Arbor.
- _____. 2006. As Vozes do Passado e do Presente: Arqueologia, Política Cultural e o Público na Serra da Barriga. *Clio* Vol.: 20: 81-101.
- _____. 2008. Arqueologia na Região Serrana Quilombola: Alagoas, 2008-2009. *Vestígios*, Vol.: 2: 99-101. Belo Horizonte.
- BARAM, U. 2008. A Haven from Slavery on Florida’s Gulf Coast: Looking for Evi-

- dence of Angola on the Manatee River. *The African Diaspora Archaeology Network* [Online]. Disponível em: www.diaspora.uiuc.edu, 18 pp.
- BLAKEY, M. L. 2001. Bioarchaeology of the African Diaspora in the Americas: Its Origins and Scope. *Annual Review of Anthropology*, Vol.: 30: 387-422.
- BOGRAD, M & SINGLETON, T. 1997. The Interpretation of Slavery: Mount Vernon, Monticello, and Colonial Williamsburg. In: JAMESON JR, J. H. (ed.). *Presenting Archaeology to the Public: Digging for Truths*. Altamira Press, London. Pp. 93-204.
- BROWN, K. 1994. Material Culture and Community Structure: The Slave and Tenant Community at Levi Jordan's Plantation (1848-1892). In: HUDSON JR, L (ed.). *Working Toward Freedom: Slave Society and Domestic Economy in American South*. University of Rochester Press, New York. Pp. 95-118.
- CARLE, C. B. 2005. A organização dos assentamentos de ocupação tradicional de africanos e descendentes no Rio Grande do Sul, nos séculos XVIII e XIX. Porto Alegre: PUC-RS (Tese de Doutorado).
- CASTANO, A. M. M. 2000. Patrimônio Afroamericano en Brasil: Arqueología de los Quilombos. *Arqueoweb* [Online], Vol.: 2(2). Disponível em: www.ucm.arqueoweb., 20 pp.
- CLARKE, C. 2004. The Politics of Storytelling: Electronic Media in Archaeological Interpretation and Education. *World Archaeology*, Vol.: 36(2): 275-286.
- CLAVIR, M. 1996. Reflections on Changes in Museums and the Conservation of Collections from Indigenous Peoples. *Journal of the American Institute for Conservation*, Vol.: 35(2): 99-107.
- COLLEY, S. 2002. *Uncovering Australia: Archaeology, Indigenous People and the Public*. Allen and Unwin, Sidney.
- CORZO, G. La Rosa. 2003. *Runaway Slave Settlements in Cuba: Resistance and Repression*. University of Carolina Press, Chapel Hill.
- _____. 2005. Os Espaços da Resistência Escrava em Cuba. In: FUNARI, P. P. A; ORSER, C. E. Jr; SCHIAVETTO, S. N. O. (eds.). *Identities, Discourses and Power: Studies in Contemporary Archaeology*. Annablume/Fapesp, São Paulo. Pp. 45-58.
- EJSTRUD, B. 2008. Maroons and Landscapes. *Journal of Caribbean Archaeology*, Vol.: 8: 1-14.

- FAIRBANKS, C. H. 1984. The Plantation Archaeology of Southeastern Coast. *Historical Archaeology*, Vol.: 18(1): 1-14.
- FERREIRA, L. M. 2008. Patrimônio, Pós-Colonialismo e Repatriação Arqueológica. *Ponta de Lança: História, Memória e Cultura*, Vol.: 1: 37-62.
- FUNARI, P. P. A. 1991. A Arqueologia e a Cultura Africanas nas Américas. *Estudos Ibero-Americanos*, Vol.: 17: 61-71.
- _____ 1995. The Archaeology of Palmares and its Contributions to the Understanding of the History of African-American Culture. *Historical Archaeology in Latin American*, Vol.: 7: 1-41.
- _____ 1996. Novas Perspectivas Abertas pela Arqueologia da Serra da Barriga. In: SCHWARCZ, L. M & REIS, L. V. S (eds.). *Negras Imagens*. Edusp, São Paulo.
- _____ 2007. The Archaeological Study of the African Diaspora in Brazil. In: OGUNDIRAN, A; FALOLA, T. (ed.). *Archaeology of Atlantic Africa and the African Diaspora*. Indiana U. P., Bloomington. Pp. 355-371.
- FUNARI, P. P. A; CARVALHO, A. V. de. 2005a. *Palmares: Ontem e Hoje*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- _____ 2005b. O patrimônio em uma perspectiva crítica: o caso do Quilombo dos Palmares. *Diálogos*, Vol.: 9(1):33-48.
- _____ 2008. Political Organization and Resistance on the Other Side of Atlantic: Palmares, a Maroon Experience in South America. In: RUIZ-MARTINEZ, A (ed.). *Desencuentros Culturales: Una Mirada desde la Cultura Material de las Américas*. Universidad Pompeu Fabra, Barcelona. Pp. 83-89.
- FUNARI, P. P. A; DOMINGUEZ, L. 2005. La Arqueología de Brasil y Cuba: en tiempos de esclavitud. *Historia y Cultura*, Vol.: 3: 79-100.
- _____ 2006a. Esclavitud en Brasil y Cuba: el aporte de la Arqueología. *Historia e Luta de Classes*, Vol.: 2(3): 107-116.
- _____ 2006b. Esclavitud y Arqueología de la Resistencia en Cuba y Brasil. *Nethistoria*, Vol.: 14: 209-233.
- _____ 2006c. El Método Arqueológico en el Estudio de la Esclavitud en Cuba y Brasil. *Boletín del Gabinete de Arqueología*, Vol.:5: 52-65.
- FUNARI, P. P. A; OVILEIRA, N. V; TAMANINI, E. 2008. Arqueologia Pública no Brasil e as Novas Fronteiras. *Praxis Archaeologica*, Vol.: 3: 131-138.

- GILCHRIST, R. 2005. Introduction: Scales and Voices in World Historical Archaeology. *World Archaeology*, Vol.: 37(3): 329-336.
- GILROY, P. 2001. *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*. : Editora 34, São Paulo.
- GREER, S.; HARRISON, R.; MACINTYRE-TAMWOY, S. 2002. Community-Based Archaeology in Australia. *World Archaeology*, Vol.: 34(2): 265-287.
- GUHA, R. 1988. Methodology. In: GUHA, Ranajit & SPIVAK, Gayatri C. (eds.). *Selected Subaltern Studies*. Oxford University, Oxford. Pp. 35-88.
- GUIMARÃES, C. M & LANNA, A. L. 1980. Arqueologia de Quilombos em Minas Gerais. *Pesquisas: Série Antropológica*, Vol.: 31: 147-64.
- GUIMARÃES, C. M. 1990. O Quilombo do Ambrósio: Lenda, Documentos e Arqueologia. *Estudos Ibero-Americanos*, Vol.: 16(1-2): 161-174.
- HALL, Stuart. 1996. When was the Postcolonial? In: CHAMBE, I & CURTI, L. *The Post-Colonial Question: Common Skies, Divided Horizons*. Routledge, London. Pp. 242-260.
- HAMILAKIS, Y. 2004. Archaeology and the Politics of Pedagogy. *World Archaeology*, Vol.: 36, n° 2: 287-309.
- HANDLER, J. S. 2008. Aspects of the Atlantic Slave Trade: Smoking Pipes, Tobacco, and the Middle Passage. *The African Diaspora Archaeology Network* [Online]. Disponível em: www.diaspora.uiuc.edu, 12 pp.
- HAUSER, M. W; DESCANTES, C; GLASCOK, M. D. 2008. Locating Enslaved Craft Production: Chemical Analysis Eighteenth-Century Jamaican Pottery. *Journal of Caribbean Archaeology*, Vol.: 2: 123-148.
- HUDSON, L. E. Jr. 1994. (ed.). *Working Towards Freedom: Slave Society and Domestic Economy in the American South*. University of Rochester Press, Rochester.
- KELLY, R. L; THOMAS, D. H. 2010. *Archaeology*. Wadsworth, Belmont.
- KELSO, W. M. 1986. The Archaeology of Slave Life at Thomas Jefferson's Monticello: "a wolf by the ears". *Journal of New World Archaeology*, Vol.: 6n° 4: 5-20.
- LEE, L. 2008. Consumerism, Social Relations, and Slavery at Late Antebellum Poplar Forest (1828-1862). *Annual Meeting of the Council for the Northeast Historical Archaeology in St. Mary's City, MD*, 15 pp.

- LEONE, M. 1995. A Historical Archaeology of Capitalism. *American Anthropologist*, Vol.: 97(2): 251-268.
- LEONE, M. K; LAROCHE, C. J; BABIAZ, J. J. 2005. The Archaeology of Black Americans in Recent Times. *Annual Review of Anthropology*, Vol.: 34: 575-598.
- LINEBAUGH, P & REDIKER, M. 1990. The Many-Headed Hydra: Sailors, Slaves, and the Atlantic Working Class in Eighteenth Century. *Journal of Historical Sociology*, Vol.: 3: 191-214.
- _____. 2008. *A Hidra de Muitas Cabeças: Marinheiros, Escravos, Plebeus e a História Oculta do Atlântico Revolucionário*. Companhia das Letras, São Paulo.
- McDAVID, C. 2002. Archaeologies that Hurt; Descendants that Matter: a Pragmatic Approach to Collaboration in the Public Interpretation of African-American Archaeology. *World Archaeology*, Vol.: 34(2): 303-314.
- _____. 2004. From "Traditional" Archaeology to Public Archaeology to Community Archaeology. In: SHACKEL, P. A & CHAMBERS, E. J (eds.). *Places in Mind: Public Archaeology as Applied Anthropology*. Routledge, London. Pp. 35-56.
- MORGAN, P. D. 1998. *Slave Counterpoint: Black Culture in Eighteenth-Century Chesapeake and Lowcountry*. University of Carolina Press, Chape Hill.
- MULLINS, P. R. 2004. African-American Heritage in a Multicultural Community. In: SHACKEL, P. A; CHAMBERS, E. J (eds.). *Places in Mind: Public Archaeology as Applied Anthropology*. Routledge, London. Pp. 35-56.
- ORSER, C. Jr. 1990. Archaeological approaches to New World plantation slavery. In: SCHIFFER, M. B. (ed.). *Archaeological Method and Theory*. University of Arizona Press, Tucson, Vol II. Pp. 111-154.
- _____. 1992. *In Search of Zumbi: Preliminary Archaeological Research at the Serra da Barriga, State of Alagoas, Brazil*. Illinois State University, Normal.
- _____. 1993. *In Search of Zumbi: The 1992 Season*. Illinois State University, Normal.
- _____. 1994. Toward a Global Historical Archaeology: an Example from Brazil. *Historical Archaeology*, Vol 28: 5-22.
- _____. 1998. The archaeology of the African diaspora. In: *Annual Review of Anthropology*, Vol.: 27: 63-82.

- ORSER, C. Jr; FUNARI, P. P. A. 2001. Archaeology and Slave Resistance and Rebellion. *World Archaeology*, Vol.: 33(1): 61-72.
- POSNANSKY, M. 1984. Toward of the Black Diaspora. *Journal of Black Studies*, Vol.: 15(2): 195-205.
- ROSA, J. H. 2008. Entre Alagados e Penhascos: O Ouro da Liberdade nas Resistências Quilombolas do Século XVIII na Capitania de Mato Grosso, Região Mineradora de Guaporeana. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Dissertação de Mestrado).
- SCOTT, E. M. 2001. Food and Social Relations at Nina Plantation. *American Anthropologist*, Vol.: 103(3): 671-691.
- SCHÁVELZON, D. 1999. La presencia Arqueológica de los Africanos. In: *Arqueología de Buenos Aires*. Editora Emecé, Buenos Aires. Pp. 173-181.
- _____. 2002. Arqueología de la población afro-argentina: inicio, estado actual y posibilidades. In: *Arqueología Histórica Argentina. Actas Del 1º Congreso Nacional de Arqueología Histórica*. Ediciones Corregidor, Buenos Aires. Pp. 77-85.
- _____. 2003. Buenos Aires Negra. *Arqueología Histórica de uma ciudad silenciada*. Editora Emecé, Buenos Aires.
- SCHUYLER, R. L. 1979. *Archaeological Perspectives on Ethnicity in America*. Farmingdale, New York.
- SHANKS, M. 1994. Archaeology: Theories, Themes and Experience. In: MACKENZIE, I. M. (ed.). *Archaeological Theory: Progress or Posture?* Aldershot, Avebury. Pp. 19-39.
- SIMPSON, M. G. 2001. *Making Representations: Museums in the Post-Colonial Era*. Routledge, London.
- SINGLETON, T; BOGRAD, M. D. 1995. *The Archaeology of Africa Diaspora in the Americas*. Society for Historical Archaeology, Tucson.
- SINGLETON, T. 2001. Slavery and Spatial Dialectics on Cuban Coffee Plantations. *World Archaeology*, Vol.: 33(2): 98-114.
- SOUZA, M. A. T. de. 2007. Uma Outra Escravidão: a Paisagem Social no Engenho de São Joaquim, Goiás. *Vestígios*, Vol.: 1(1): 59-92.
- SPIVAK, G. C.. 1988. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, C; GROSSBER, L (eds.). *Marxism and the Interpretation of Culture*. Illinois: Illinois U. P., 217-213.

- SYMANSKI, L. C. P. 2006. *Slaves and Masters in Western Brazil: Material Culture, Identity and Power*. University of Florida, Florida (Phd Thesis).
- _____. 2007. O Domínio da Tática: Práticas Religiosas de Origem Africana nos Engenhos da Chapada dos Guimarães. *Vestígios*, Vol.: 1(2): 9-36.
- SYMANSKI, L. C. P & SOUZA, M. A. T. de. 2007. O Registro Arqueológico dos Grupos Escravos: Questões de Visibilidade e Preservação. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Vol.: 33: 215-242.
- THOMAS, B. W. 1998. *Power and Community: The Archaeology of Slavery at the Hermitage Plantation*. *American Antiquity*, Vol.: 63(4): 531-551.
- TRIGGER, B.G. 2008. "Alternative Archaeologies" in Historical Perspective. In: HABU, J; FAWCETT, C; MATSUNAGA, J. M. (eds.). *Evaluating Multiple Narratives: Beyond Nationalist, Colonialist, Imperialist Archaeologies*. Springer, Berkeley. Pp. 187-195.
- TURNER, S; YOUNG, R. 2007. "Concealed Communities": The People at the Margins. *International Journal of Historical Archaeology*, Vol.: 11. Pp. 297-303.
- WEBSTER, J. 2008. Historical Archaeology and the Slave Ship. *International Journal of Historical Archaeology*, Vol.: 12. Pp. 1-5.
- WEIK, T. 2008. Mexico's Cimarron Heritage and Archaeological Record. The African Diaspora Archaeology Network [Online]. Disponível em: www.diaspora.uiuc.edu, 12 pp.
- YENTSCH, A. E. 1994. *A Chesapeake Family and Their Slaves: A Study in Historical Archaeology*. Cambridge U. P, Cambridge.
- _____. 2008. Excavating the South's African American Food History. The African Diaspora Archaeology Network [Online]. Disponível em: www.diaspora.uiuc.edu , 40 pp.
- YOUNG, A. L; ANDREWS S. C; CARR, P. J. 1995. Ceramics and Slave Lifeways at Locust Grove Plantation. In: MCBRIDE, K. A; MCBRIDE, W. S; POLLACK, D (eds.). *Historical Archaeology in Kentucky*. Kentucky Heritage Council, Frankfort. Pp. 253-264.